
Segmento: PUCRS

25/03/2017 | Diário Popular | Estilo | 9

Coquetel de notícias

Na edição comemorativa de 30 anos, o Fórum da Liberdade vai debater sobre o futuro da democracia. O evento acontecerá nos dias 10 e 11 de abril no Centro de Eventos da PUCRS, em Porto Alegre.

25/03/2017 | Zero Hora | Vida | 1

Saudável sempre

VIDA

25/03/2017 | Zero Hora | DOC | 1

O primeiro convidado do Fronteiras em 2017

Com a Palavra

25/03/2017 | Zero Hora | Capa | 1

245

Zero Hora sobrevoou Porto Alegre e encontrou em três imagens de pontos emblemáticos uma forma de marcar os 245 anos da capital gaúcha. É parte de nossa homenagem ao aniversário da cidade, neste domingo. Há outros presentes nesta edição: uma reportagem mostra como, em reação coletiva à insegurança, os porto-alegrenses ocupam espaços públicos; a coluna Almanaque Gaúcho conta uma história curiosa sobre o local onde ficava a estátua do Laçador; a colunista Martha Medeiros escreve sobre a cidade que temos e a que gostaríamos de ter...

14, 35 a 37, 58, caderno Fíndi e Revista Donna

25/03/2017 | Zero Hora | Túlio Milman | 3

Futuro

A Singularity, universidade focada em tecnologia que fica dentro da Nasa, vai abrir um capítulo em Porto Alegre.

A iniciativa é de dois ex-alunos, Renato Cunha e Francisco Milagres, em parceria com o Tecnopuc. O diretor do parque, Rafael Prikladnicki, explica: a estrutura será digital e voltada para a disseminação do conhecimento e a discussão de ideias.

25/03/2017 | Zero Hora | ZH Fíndi | 3

Museu da PUCRS

Exposições e shows científicos. Avenida Sapiranga, 6.681. Ingressos a R\$ 28 (público em geral), R\$ 14 (para jovens até 15 anos, idosos, estudantes e professores de qualquer instituição e diplomados PUCRS) e R\$ 5 (shows científicos). De TERÇA a SEXTAS, crianças até quatro anos não pagam, e aos SÁBADOS, DOMINGOS e FERIADOS, crianças até seis anos também não pagam. De TERÇA a SEXTA, das 9h às 17h, e SÁBADOS, DOMINGOS e FERIADOS, das 10h às 18h.

25/03/2017 | Zero Hora | Vida | 6

Saúde em dia aos 20, 30, 40 e 50 anos

O CORPO MUDA COM O TEMPO, E É PRECISO ADAPTAR A ROTINA. O QUE FAZER EM CADA FAIXA ETÁRIA PARA CHEGAR BEM À VELHICE

Nos consultórios de nutrição, uma frase é clássica na lista de reclamações dos pacientes: “Estou comendo o mesmo que comia antes, mas agora passei a engordar”. Ninguém escapa ao envelhecimento e, com ele, o metabolismo fica mais lento. Não tem jeito: para manter a forma ao longo dos anos, é preciso mudar a rotina.

Alimentação equilibrada, exercícios físicos e hábitos saudáveis, como não fumar e não ingerir bebidas alcoólicas em excesso, são os pilares já conhecidos para evitar problemas com o metabolismo ao envelhecer. Quanto mais saudáveis formos na juventude, melhor chegaremos à terceira idade.

Até a adolescência, conforme explica o endocrinologista e professor da UFRGS Rogério Friedman, o corpo ainda está em formação, ou seja, o metabolismo não opera como na idade adulta. É dos 20 aos 30 anos, quando somos jovens adultos e já estamos com o crescimento completo, que o metabolismo energético chega ao seu ápice.

– Atingimos o auge no consumo de oxigênio, na capacidade muscular e na resistência física em geral. Também estamos no pico da nossa massa óssea – afirma o endocrinologista.

Na década seguinte, dos 30 aos 40 anos, entramos em um “momento platô”, segundo o educador físico e professor da PUCRS Rafael Baptista. Dependendo do estilo de vida que conseguimos levar na década anterior, temos condições de manter o metabolismo em dia. Ou seja: pessoas com hábitos saudáveis dos 20 aos 30 anos terão mais facilidade para permanecer assim dos 30 aos 40, com poucas alterações no metabolismo. Mas a dificuldade para perder peso aumenta, de acordo com o professor:

– Nessa fase, as flutuações de peso são desafios muito maiores do que na década anterior, pois não temos a mesma facilidade de emagrecer devido ao processo de declínio hormonal natural do envelhecimento.

Dos 40 aos 50 anos, o envelhecimento segue com a queda na produção de hormônios, mas os hábitos saudáveis podem novamente desacelerar o processo. Nessa faixa etária, o corpo precisa de menos calorias, e a alimentação deve ser reorganizada para não ingerir mais do que o necessário.

– O organismo é como um carro que passa a necessitar de menos combustível para andar. Se continuarmos colocando a mesma quantidade de combustível, haverá um saldo positivo. E essa reserva, no nosso corpo, é o acúmulo de gordura – explica Friedman.

A nutricionista Yole Brasil da Luz afirma que a escolha da dieta em cada fase da vida depende de um cálculo que leva em conta a rotina e os hábitos de cada pessoa. Por isso, o ideal é ter um acompanhamento contínuo de um nutricionista. Se os hábitos mudam, é preciso também mudar a alimentação.

u Metabolismo de homens e mulheres é quase idêntico

O mesmo vale para a etapa dos 50 aos 60 anos, que antecede a terceira idade. É nesse período, de acordo com Yole, que as mulheres costumam entrar na menopausa, quando a ingestão de alimentos funcionais pode auxiliar na aceleração do metabolismo.

Conforme Friedman, o metabolismo dos homens e das mulheres é quase idêntico, com diferenças sutis por causa da produção de

estrogênio pelos ovários nas mulheres, e pela maior massa muscular dos homens. Durante o período fértil, elas ainda contam com a ajuda do estrogênio, que as protege do envelhecimento gradual.

O especialista dá como exemplo dois gráficos: no dos homens, o envelhecimento é linha diagonal, em uma descida ou subida constante. Já o desenho das mulheres é linear, passando por uma grande inclinação após a menopausa.

– Na faixa dos 50 aos 60 anos, a linha das mulheres apresenta uma queda mais rápida, o que fará com que acabe encontrando a dos homens. Ou seja, o envelhecimento das mulheres é mais lento no período fértil, mas acelera na menopausa, o que faz com que ambos os sexos envelheçam em ritmos parecidos depois – esclarece Friedman.

E a história de que os homens emagrecem mais facilmente do que as mulheres não passa de um mito sem comprovação científica.

– A facilidade ou não para o emagrecimento depende dos hábitos de cada pessoa, não tem relação com o sexo. Tem de ser uma operação matemática, de ingerir menos calorias do que gastamos – explica Friedman.

Para saber como ser saudável aos 20, 30, 40 e depois dos 50 anos, confira as dicas dos especialistas.

DOS 20 AOS 30 ANOS

Alimentação

A nutricionista Yole Brasil da Luz explica que o primeiro item que não pode faltar na dieta nessa faixa etária é a água – assim como nas etapas seguintes. É preciso adquirir o mais cedo possível o hábito de hidratar-se diariamente para que o nosso corpo não se acostume com o estado de desidratação.

– A falta de água faz com que ocorra uma aceleração no envelhecimento das células, pois desequilibra o organismo. A água é muito importante para o funcionamento do intestino e para a qualidade do sono – afirma a nutricionista.

Quanto à alimentação, a maior dificuldade enfrentada por essa faixa etária é a falta de tempo. É nesta etapa que muitas pessoas precisam estudar e trabalhar, sobrando pouco tempo para o preparo de refeições e tornando os industrializados uma prática (e nociva) tentação. Ainda assim, a indicação é consumir de quatro a seis frutas por dia e vegetais com quatro ou cinco cores diferentes.

– Cada cor representa a predominância de uma vitamina, por isso, devemos optar pelos pratos coloridos – diz Yole.

Além disso, a nutricionista indica a ingestão diária de duas oleaginosas e de uma porção de proteína nas refeições.

O cuidado com a alimentação nessa faixa etária é importante pois, normalmente, é nesse período que se estabelece o cardápio para o resto da vida. É comum, por exemplo, que a opção pelo veganismo ou vegetarianismo seja feita nessa década. Por isso, o acompanhamento de um nutricionista é recomendado.

– A alimentação precisar ser equilibrada. Então, se eu tiro a proteína da carne, tenho que substituí-la por outra proteína na mesma quantidade. É preciso contar com o acompanhamento de um nutricionista, que fará esses cálculos para que não falem nutrientes – informa Yole.

Também é comum a adesão aos chamados “modismos alimentares”, como a onda “low carb”, que incentiva dietas que vão da restrição ao corte completo da ingestão de carboidratos.

Caso as pessoas queiram perder peso, a nutricionista indica a escolha de carboidratos integrais em substituição aos refinados, por terem mais fibras. Também é importante evitar gorduras saturadas, como as de fonte animal. Outro alerta é para que os jovens realizem check-up periodicamente para monitorar a saúde e a necessidade ou não de mudar a dieta.

– As pessoas costumam fazer check-up só quando ficam mais velhas, mas vejo uma quantidade grande de jovens com colesterol ou triglicérides alto e falta de vitaminas. O acompanhamento médico e a realização de exames é sempre importante – afirma a nutricionista.

Exercícios físicos

No auge da capacidade física, quem está na faixa dos 20 aos 30 anos pode realizar qualquer exercício que tenha vontade, desde que faça uma avaliação médica.

Segundo o professor da PUCRS Rafael Baptista, a recomendação do Colégio Americano de Medicina do Esporte é que os jovens realizem um programa completo de exercícios físicos, que levem em conta a resistência aeróbica, a força, a flexibilidade, o controle do peso e o percentual de gordura. Para isso, Baptista indica a prática de musculação aliada a corridas e alongamentos.

Aspectos funcionais de equilíbrio, coordenação e agilidade também são importantes na hora da escolha da atividade física.

DOS 30 AOS 40 ANOS

Alimentação

Algumas atividades metabólicas começam a diminuir nessa faixa etária, e o emagrecimento torna-se um pouco mais difícil. A capacidade de metabolizar os açúcares diminui, por isso é importante reduzir o consumo de alimentos refinados. O açúcar branco pode ser substituído por açúcar mascavo, mel e melado, por exemplo.

A manutenção do peso é importante para não ingressar nos 50 anos com as articulações sobrecarregadas. Frutas, vegetais, proteínas e oleaginosas devem seguir fazendo parte da dieta.

Exercícios físicos

Pessoas que já realizavam exercícios físicos antes dessa faixa etária normalmente seguem com a mesma capacidade física para continuar, segundo o professor da PUCRS Rafael Baptista. Quem ainda não começou a praticar atividades deve realizar avaliações médicas e contar com a ajuda de um educador físico para escolher o esporte mais adequado à sua capacidade e ao gosto pessoal. São indicados exercícios que desenvolvam força, resistência, flexibilidade e equilíbrio. É preciso tomar cuidado ao praticar esportes com maior risco de lesões.

DOS 40 AOS 50 ANOS

Alimentação

Com a redução da capacidade de metabolizar gorduras, a indicação é reduzir a ingestão desses alimentos. A preferência deve ser pela chamadas “gorduras boas”, como a do azeite de oliva e do abacate. Também é importante aumentar o consumo de alimentos ricos em ácido fólico, como o feijão e a lentilha.

Se a menopausa já der sinais, ingerir grãos integrais, legumes, pimenta, chá verde, oleaginosas e óleo de oliva pode ajudar.

Exercícios físicos

Nesta fase, ocorre um declínio da produção de hormônios, o que leva à menor capacidade física mesmo que hábitos saudáveis sejam mantidos. Esta é a hora de focar em exercícios que trabalhem a força e a massa muscular, principalmente a manutenção da saúde óssea. Atividades que desenvolvam equilíbrio, agilidade e flexibilidade também devem estar na rotina dos quarentões, pois são características que diminuem com o passar dos anos. Musculação, treinamentos funcionais e aeróbicos estão entre os indicados.

DEPOIS DOS 50 ANOS

Alimentação

A redução de açúcares e gorduras torna-se ainda mais importante, já que o metabolismo segue em queda. Alimentos com cálcio (como o leite), selênio e oleaginosas (como nozes e castanhas) são indicados, além de manter a diversificação das cores dos vegetais. O consumo de fibras, que auxilia o funcionamento do intestino, também é importante.

No caso das mulheres, segue a orientação da ingestão de alimentos como legumes, verduras e grãos integrais para acelerar o metabolismo durante a menopausa. Para repor nutrientes, a nutricionista indica o consumo de água de coco natural (não a industrializada), por ser “o melhor isotônico que existe”.

Exercícios físicos

Há um declínio maior da capacidade física, e a realização de atividades voltadas para a manutenção da saúde óssea e muscular é fundamental. Pessoas que já realizavam exercícios devem continuar, com treinos adequados para a idade. Os sedentários não podem pensar que estão velhos demais para começar atividades físicas. Embora não tenham o preparo das pessoas que fazem esportes, é importante iniciar a prática antes da terceira idade para um envelhecimento saudável. Vale a mesma regra para todas as idades: procure um médico e um educador físico para escolher o esporte ideal à sua capacidade física, necessidades e gosto.

O QUE É METABOLISMO?

É o conjunto dos mecanismos químicos necessários ao organismo para a formação, desenvolvimento e renovação das estruturas celulares.

25/03/2017 | Zero Hora | DOC | 14

A escola deveria aceitar a diversidade dos jovens

Físico e cosmologista nascido em Verona, Carlo Rovelli é professor na Universidade Pittsburgh, nos Estados Unidos, e até pouco tempo era amplamente conhecido apenas entre outros cientistas, como nome fundamental no campo da física quântica. Há três anos, Rovelli se tornou um escritor best-seller, com seu livro *Sete Breves Lições de Física*, obra escrita para resumir, em linguagem acessível aos leigos, algumas das grandes questões que a física contemporânea enfrenta ao abordar a estrutura e o funcionamento do universo.

Na Itália natal de Rovelli, o livro vendeu milhares de exemplares. Também já foi traduzido para dezenas de idiomas – no Brasil, foi publicado em 2015 pela Objetiva, mesmo selo que lançou por aqui este ano seu novo livro, *A Realidade Não É o que Parece*.

Rovelli filia-se à tradição dos professores que acreditam que é preciso paixão de ambas as partes para que a transmissão de conhecimento seja profícua na sala de aula. Ao falar sobre ciência, seu tom é entusiasmado, suas referências não se restringem aos grandes teóricos da área. Para ele, bons professores são cada vez mais necessários – embora não sejam muitos, reforça – para ensinar ao que ele considera uma geração de adolescentes muito melhor do que a da época em que era estudante.

Rovelli é também o primeiro convidado da edição 2017 do *Fronteiras do Pensamento*. Vai abrir o ciclo de palestras no dia 15 de maio, às 19h45min, uma segunda-feira, no Salão de Atos da UFRGS.

Por e-mail, o italiano respondeu à seguinte entrevista, na qual falou de ensino, da persistência do pensamento anticientífico, e claro, de física. Física

best-seller

Há um senso comum que associa a física a um mundo matemático rígido, mas em seu livro *Sete Breves Lições de Física* o senhor fala muito da ciência como um veículo da beleza. Por que a educação de base não consegue convencer as pessoas disso?

Há professores maravilhosos na escola que veem a beleza e percebem o fascínio da ciência, e os comunicam facilmente às mentes jovens. Mas não há tantos deles assim, infelizmente, e muitas vezes falta aos demais professores entusiasmo e paixão. E, por isso, as crianças perdem a melhor parte do estudo da física.

Em seu livro, o senhor fala de como um jovem Einstein, sem saber bem o que queria, passou um ano viajando. Também comenta que, ao contrário do que muitos pais acreditam, “quem não perde tempo não chega a lugar nenhum”. Como a escola, construída sob padrões gerais, pode incentivar as mentes criativas que não se encaixam nas medições curriculares, principalmente numa era em que

muito da vida criativa dos adolescentes é vivido fora da sala de aula, na internet?

Acho que a escola deveria respeitar os jovens. Deveria aceitar sua diversidade, suas preferências, seus sonhos. A escola não foi feita para “moldar” as crianças, mas para abrir o mundo para elas. O fato de que grande parte da vida criativa dos adolescentes é vivida fora da sala de aula é bom, na minha opinião. Hoje os jovens têm muito mais do que na minha geração: mais informações, mais ideias, mais diversidade. Isso é ótimo. A escola precisa aprender a se somar a isso, aprender a ajudar as mentes jovens a distinguir entre tudo isso o que é bom e o que é ruim, o que é inteligente e o que é estúpido.

Do que um estudante de física precisa?

De um professor apaixonado. Ou simplesmente de algo que acenda o fogo de sua paixão.

É comum muitos apocalípticos deplorarem a falta de curiosidade e a apatia dos estudantes jovens e aparentemente desinteressados. Em sua experiência de professor, o que pensa dos alunos de hoje em comparação com os do fim do século passado, por exemplo?

Eles são muito melhores hoje. São muito mais rápidos, inteligentes e conhecedores do mundo. Acho que parte da confusão a esse respeito advém do fato de que o acesso à educação vem aumentando há várias décadas, e muitas vezes os idosos comparam um pequeno grupo de estudantes selecionados do passado, provenientes de famílias cultas e ilustradas, com os alunos de hoje, que são mais numerosos. Assim, é claro que parecerá que os alunos hoje são piores. Mas acho que os melhores alunos de hoje são muito melhores do que os melhores alunos do passado, e o jovem mediano de hoje é mais instruído do que o jovem médio do passado.

Literatura e cinema transformaram buracos negros em possíveis portais para as distâncias do universo. O senhor diz em seu livro que neles reside “a Pedra de Rosetta” para entender o significado do tempo. O que sabemos sobre eles, afinal?

Os buracos negros, tanto quanto sabemos, definitivamente não são portais para cantos distantes do universo. Há muita coisa que já sabemos bem sobre buracos negros hoje, mas há também muito que não sabemos sobre eles. Duas coisas em particular que não entendemos: o que acontece no centro de um buraco negro, e o que acontece com um buraco negro no futuro distante. Assim, os buracos negros também são mistérios para decifrar. A razão de nossa confusão é que são necessárias três “línguas” diferentes para descrevê-las: a relatividade geral, a mecânica quântica e a termodinâmica, e ainda não somos capazes de conectar bem essas línguas. A Pedra de Rosetta é uma pedra com uma inscrição em três línguas: grega, latina e egípcia, e desempenhou um papel importante para decifrar a linguagem hieroglífica do Egito antigo e conectar o nosso conhecimento dessas línguas. Esperamos que os buracos negros possam desempenhar o mesmo papel para a física fundamental: nos ensinem a ligar as suas diferentes línguas.

O senhor fala muito da intuição em seu livro. Que papel ela desempenha no trabalho de um cientista?

Um papel importante, mas por si só ela não basta. A intuição sozinha não é suficiente: é preciso, então, o filtro da racionalidade rigorosa e o teste das experiências. Mas sem intuição estaríamos sempre presos e nunca daríamos nenhum passo à frente.

Seu livro se tornou um best-seller traduzido em dezenas de países, e seu nome, junto a outros como Brian Greene e Neil Degraesse Tyson, tornou-se conhecido pelo público além dos laboratórios. As pessoas estão mais curiosas sobre ciência?

Acho que há dois tipos de leitores de livros sobre ciência. Aqueles que já são apaixonados pela ciência e aqueles que estão simplesmente abrindo uma janela para a curiosidade e querem ver um pouco melhor o que é a ciência. Tento escrever para ambos.

Os Estados Unidos elegeram Donald Trump, e seu ministério foi povoado de pessoas que negam o aquecimento global ou que advogam o criacionismo como explicação para a origem do universo. Quais podem ser as consequências de o governante mais famoso do mundo se cercar de pessoas que claramente duvidam da ciência?

É a receita para um desastre. Não é a primeira vez que a humanidade faz coisas estúpidas para prejudicar a si mesma, e podemos estar fazendo o mesmo de novo agora. Felizmente não há um rei do mundo em Washington. Espero que os cidadãos de outros países importantes, como o Brasil, sejam sábios o suficiente para eleger líderes capazes de fazer escolhas razoáveis para a humanidade.

Aliás, a persistência do pensamento anticientífico é inegável, mesmo que haja muitos físicos e cientistas tentando comunicar suas

descobertas. Para usar como pergunta um título de Michael Shermer: por que as pessoas acreditam em coisas estranhas?

Uma resposta simples seria “porque muitas pessoas são estúpidas”, mas não acho que seja a resposta certa. Quando as pessoas acreditam em coisas que me parecem absurdas (e isso acontece muito frequentemente), acho que muitas vezes elas estão expressando necessidades reais e profundas e estruturando sua visão de mundo em consequência disso, usando uma linguagem que não faz sentido na minha própria cosmovisão. Mas se fizéssemos um verdadeiro esforço de compreensão mútua, talvez pudéssemos entender um ao outro, em vez de dizermos coisas incompreensíveis uns aos outros. Eis aqui um exemplo: quando o Papa Católico Pio XII disse publicamente que a teoria do Big Bang confirmava o mito católico de criação – o do Gênesis –, o grande cientista e padre católico Georges Lemaitre entrou imediatamente em contato com ele e o convenceu a não fazer mais esta comparação, com o argumento de que a criação como descrita na religião e o Big Bang pertencem a domínios diferentes e não devem ser confundidos. Lemaitre era sábio o bastante para ver que a religião se refere às coisas que acontecem dentro de cada um de nós, e o universo como um todo é compreendido com a cosmologia científica, não com os livros antigos.

Há alguns anos, Stephen Hawking provocou polêmica ao declarar que se investe demais nas ciências humanas, quando o importante seriam a matemática e a física. O senhor, em seu livro, cita a música de Beethoven e um poema de Lucrécio. O que pensa dessa declaração?

Discordo completamente desta afirmação de Stephen Hawking. Acho que é leviana e superficial. Ele não vê que não há contradição fundamental entre ciências duras e ciências humanas. Nós simplesmente usamos métodos diferentes para domínios diferentes. Seria tolice negligenciar as artes e as humanidades só porque a física é legal.

carlos.moreia@zerohora.com.br

CARLOS ANDRÉ MOREIRA

Fronteiras do pensamento

Sete Breves Lições de Física foi o livro que tornou Carlo Rovelli um best-seller internacional – na Itália natal do autor, vendeu alegados 350 mil exemplares. É um livro curto, que faz jus a seu título, no qual Rovelli apresenta sete grandes questões que ocuparam a maior parte de sua carreira acadêmica. Ele apresenta em linhas gerais a Teoria da Relatividade Geral de Albert Einstein – que, em suas palavras, é uma das “obra-primas absolutas, que nos emocionam intensamente”, comparando-a ao Réquiem de Mozart e à Odisseia de Homero. Essa, aliás, é uma pista do tom geral da obra. Rovelli fala de física com paixão, usando para apresentá-la conceitos que o leigo está mais acostumado a ver nos tratados de estética, como beleza e emoção. Sete Breves Lições de Física também faz um resumo da física quântica, das teorias sobre a arquitetura geral do universo, do que se sabe e se pesquisa em campos como física de partículas e o estudo dos buracos negros. Para ele, ali residem grandes mistérios a serem decifrados, alguns deles com potencial para talvez unificar teorias divergentes sobre como o Cosmos se estrutura.

A edição 2017 do Fronteiras do Pensamento vai debater o que nos define como civilização e os conflitos culturais e ideológicos que nos dividem. Carlo Rovelli será o palestrante de abertura, às 19h45min do dia 15 de maio, no Salão de Atos da UFRGS (Av. Paulo Gama, 110).

-Os ingressos já estão à venda desde o dia último dia 22. O pacote para todas as conferências da temporada custa R\$ 1.680 (parcelado em cinco vezes sem juros nos cartões). Os ingressos não são vendidos individualmente. Pacotes adquiridos até o dia 30 de abril garantem um bilhete extra para a quinta conferência da temporada, a de Thomas Piketty, no Auditório Araújo Vianna.

-Informações e vendas no site fronteiras.com e na Central de Relacionamento Fronteiras, no fone 4020.2050. Pontos de vendas na Livraria Bamboletas, no Instituto Ling e no StudioClio.

-Fronteiras do Pensamento Porto Alegre é apresentado por Braskem, com patrocínio Unimed Porto Alegre e Hospital Moinhos de Vento; parceria cultural PUCRS e Instituto CPFL; e empresas parceiras CMPC Celulose Riograndense, Souto Correa, Sulgás e Thyssenkrupp. Parceria institucional Fecomércio e Uniced, apoio institucional Embaixada da França e Prefeitura Municipal de Porto Alegre. Universidade parceira UFRGS. Promoção Grupo RBS.

AS DEMAIS CONFERÊNCIAS DO ANO

5 DE JUNHO – EDUARDO GIANETTI E GILLES LIPOVETSKY

-O economista brasileiro Eduardo Gianetti, autor de O Valor do Amanhã (2005), no qual discute as diferentes abordagens que cada um dá às prioridades para o futuro, dividirá o palco do Salão de Atos com o filósofo francês Gilles Lipovetsky, autor de vários livros sobre como as dinâmicas da sociedade de consumo vêm interferindo nas noções contemporâneas de tempo e tradição. Sua obra mais conhecida nessa linha de pensamento é O Império do Efêmero, em que analisa a moda como a grande indústria voltada a vender o presente como mercadoria. Seu livro mais recente publicado no Brasil é Da Leveza, que saiu este ano, no qual discute as relações

entre peso e leveza numa sociedade de consumo fluído.

28 DE JUNHO – AMÓS OZ

-Um dos maiores escritores israelenses vivos, Amós Oz virá pela primeira vez a Porto Alegre. Sua vasta bibliografia inclui obras-primas como *A Caixa Preta* (1993), *Fima* (1996) e *O Mesmo Mar* (2001), todos romances nos quais retrata, ficcionalmente, uma de suas principais angústias, a persistência do conflito entre israelenses e palestinos. Também militante político e um dos fundadores do Movimento Paz Agora, que defende a solução do conflito pelo estabelecimento de dois estados para os dois povos na região e garantias de autonomia e existência a ambos. Seus livros mais recentes publicados no Brasil foram o romance *Judas* (2014) e os ensaios do volume *Como Curar um Fanático* (2015), no qual discute as posições extremistas adotadas por ambos os lados do conflito.

21 DE JUNHO – LEONARDO PADURA

-Jornalista e escritor cubano, Padura voltará ao Rio Grande do Sul exatos dois anos depois de sua passagem pelo Estado para participar da Feira do Livro de Canoas, ocasião em que divulgava seu best-seller *O Homem que Amava os Cachorros*. A obra, que projetou o nome de Padura mundo afora, reconstitui a vida no exílio do revolucionário russo Leon Trotsky, paralelamente à do homem que o mataria a mando de Stálin, o militante comunista Ramón Mercader. Antes do sucesso com esse romance histórico, Padura era mais conhecido pelos cultores da literatura policial, pela série de novelas ambientadas em Havana e protagonizadas pelo detetive Miguel Conde. Seu romance mais recente publicado no Brasil foi *Hereges* (2015).

28 DE SETEMBRO – THOMAS PIKETTY

-O economista francês Thomas Piketty ganhou reconhecimento internacional com *O Capital no Século XXI*, lançado em 2013 e convertido em best-seller. Na obra, Piketty relê e atualiza o clássico *O Capital*, de Karl Marx, analisando o peso da desigualdade de renda e da má distribuição da riqueza na formação da estrutura social contemporânea. Com base em uma exaustiva análise de dados, o economista conclui que os últimos cem anos de desenvolvimento capitalista viram na verdade um agravamento da concentração de renda global. Por conta da expectativa de grande público, a organização repetiu o que fez com Ian McEwan e Richard Dawkins, levando sua conferência ao Araújo Vianna, e não no Salão de Atos da UFRGS, onde todos os outros encontros serão realizados.

23 DE OUTUBRO – NIALL FERGUSON

-Historiador escocês, é autor de *Civilização* (2011), um dos estudos recentes fundamentais para entender a tensão cultural entre o Oriente e o Ocidente. Segundo Ferguson, o Ocidente teria sobrepujado as sociedades orientais por se valer com mais competência de seis tradições institucionais, que ele denomina “aplicativos”, numa analogia com a tecnologia digital: a competição, a ciência, o direito de propriedade, a medicina, o consumo e a ética do trabalho. Apresentador de televisão e palestrante requisitado, Ferguson já esteve na lista das cem pessoas mais influentes do mundo publicada pela revista norte-americana *Time*.

6 DE NOVEMBRO – ALAIN FINKIELKRAUT

-Filósofo francês de origem polonesa e autor de mais de 30 livros, Finkelkraut é, assim como seu compatriota Michel Houellebecq, um intelectual com o dom de provocar polêmicas. Além de escritor e ensaísta, também é um célebre apresentador de rádio em seu país, comandando o programa *Repliques*, em que atua como mediador em discussões de temas polêmicos. A *Nova Desordem Amorosa*, o livro que o tornou popular, escrito em parceria com Pascal Bruckner e lançado em 1997, lhe valeu um grande número de desafetos. Suas críticas à geração que fez a revolução comportamental na França dos anos 1960, bem como seu ceticismo com relação à sociedade e aos movimentos de direitos humanos, lhe granjearam rótulos como “ultradireita” e “neorreacionário”. É um conservador que considera necessário defender os valores das tradições e as instituições centrais da cultura ocidental. Seu livro mais recente, *Por uma Decência Comum*, foi publicado em 2010.

4 DE DEZEMBRO – MARTHA C. NUSSBAUM

-Martha Nussbaum é uma das mais influentes defensoras do ensino de humanidades nos sistemas de educação. Professora da Universidade de Chicago, já lecionou nas universidades Harvard e Brown e foi conselheira do Instituto Mundial de Pesquisa em Economia do Desenvolvimento da ONU. No Brasil, tem três livros editados: *Sem Fins Lucrativos*, *Fronteiras da Justiça* e sua obra mais conhecida, *A Fragilidade da Bondade*, em que discute a noção de felicidade e vida plena no mundo clássico grego. Também tem trabalhos sobre feminismo, repensando as relações de gênero dentro das famílias. É uma referência da área no pensamento internacional contemporâneo.

Literatura e cinema transformaram buracos negros em possíveis portais para as distâncias do universo. O senhor diz em seu livro que neles reside "a Pedra de Rosetta" para entender o significado do tempo. O que sabemos sobre eles, afinal?

Os buracos negros, tanto quanto sabemos, definitivamente não são portais para cantos distantes do universo. Há muita coisa que já sabemos bem sobre buracos negros hoje, mas há também muito que não sabemos sobre eles. Duas coisas em particular que não entendemos: o que acontece no centro de um buraco negro, e o que acontece com um buraco negro no futuro distante. Assim, os buracos negros também são mistérios para decifrar. A razão de nossa confusão é que são necessárias três "línguas" diferentes para

descrevê-las: a relatividade geral, a mecânica quântica e a termodinâmica, e ainda não somos capazes de colectar bem essas línguas. A Pedra de Roseta é uma pedra com uma inscrição em três línguas: grega, latina e egípcia, e desempenhou um papel importante para decifrar a linguagem hieroglífica do Egito antigo e conectar o nosso conhecimento dessas línguas. Esperamos que os buracos negros possam desempenhar o mesmo papel para a física fundamental: nos ensinem a ligar as suas diferentes línguas.

O senhor fala muito da intuição em seu livro. Que papel ela desempenha no trabalho de um cientista?

Um papel importante, mas por si só ela não abasta. A intuição sozinha não é suficiente: é preciso, então, o filtro da racionalidade rigorosa e o teste das experiências. Mas sem intuição estaríamos sempre presos e nunca daríamos nenhum passo à frente.

Seu livro se tornou um best-seller traduzido em dezenas de países, e seu nome, junto a outros como Brian Greene e Nela Degrasse Tyson, tornou-se conhecido pelo público além dos laboratórios. As pessoas estão mais curiosas sobre ciência? Acho que há dois tipos de leitores de livros sobre ciência. Aqueles que já são apaixonados pela ciência e aqueles que estão simplesmente abrindo uma janela para a curiosidade e querem ver um pouco melhor o que é a ciência. Tento escrever para ambos. Os Estados Unidos elegeram Donald Trump, e seu ministério foi povoado de pessoas que negam o aquecimento global ou que advogam o criacionismo como explicação para a origem do universo. Quais podem ser as consequências de o governante mais famoso do mundo se cercar de pessoas que claramente duvidam da ciência? É a receita para um desastre. Não é a primeira vez que a humanidade faz coisas estúpidas para prejudicar a si mesma, e podemos estar fazendo o mesmo de novo agora. Felizmente não há um rei do mundo em Washington. Espero que os cidadãos de outros países importantes, como o Brasil, sejam sábios e suficientes para eleger líderes capazes de fazer escolhas razoáveis para a humanidade.

Aliás, a persistência do pensamento anticientífico é inegável, mesmo que haja muitos físicos e cientistas tentando comunicar suas descobertas. Para usar como pergunta um título de Michael Shermer por que as pessoas acreditam em coisas estranhas?

Uma resposta simples seria "porque muitas pessoas são estúpidas", mas não acho que seja a resposta certa. Quando as pessoas acreditam em coisas que me parecem absurdas (e isso acontece muito frequentemente), acho que muitas vezes elas estão expressando necessidades reais e profundas e estruturando sua visão de mundo em consequência disso, usando uma linguagem que não faz sentido na minha própria cosmovisão. Mas se fizéssemos um verdadeiro esforço de compreensão mútua, talvez pudéssemos entender um ao outro, em vez de dizermos coisas incompreensíveis uns aos outros. Eis aqui um exemplo: quando o Papa Católico Pio XII disse publicamente que a teoria do Big Bang confirmava o mito católico de criação - o do Gênesis -, o grande cientista e padre católico Borges Lemaitre entrou imediatamente em contato com ele e o convenceu a não fazer mais esta comparação, com o argumento de que a criação como descrita na religião e o Big Bang pertencem a domínios diferentes e não devem ser confundidos. Lemaitre era sábio o bastante para ver que a religião se refere às coisas que acontecem dentro de cada um de nós, e o universo como um todo é compreendido com a cosmologia científica, não com os livros antigos. Há alguns anos, Stephen Hawking provocou polêmica ao declarar que se investe demais nas ciências humanas, quando o importante seriam a matemática e a física. O senhor, em seu livro, cita a música de Beethoven e um poema de Lucrecio. O que pensa dessa declaração? Discordo completamente desta afirmação de Stephen Hawking. Acho que é leviana e superficial. Ele não vê que não há contradição fundamental entre ciências duras e ciências humanas. Nós simplesmente usamos métodos diferentes para domínios diferentes. Seria tolice negligenciar as artes e as humanidades só porque a física é legal.

Física best-seller

Sete Breves Lições de Física foi o Livro que tornou Carlo Rovelli um best-seller internacional na Itália natal do autor, vendeu alegados 350 mil exemplares. É um livro curto, que faz jus a seu título, no qual Rovelli apresenta sete grandes questões que ocuparam a maior parte de sua carreira acadêmica. Ele apresenta em linhas gerais a Teoria da Relatividade Geral de Albert Einstein - que, em suas palavras, é uma alegados 350 mil exemplares. É um livro curto, que faz jus a seu título, no qual Rovelli apresenta sete grandes questões que ocuparam a maior parte de sua carreira acadêmica. Ele apresenta em linhas gerais a Teoria da Relatividade Geral de Albert Einstein - que, em suas palavras, é uma das "obra-primas absolutas, que nos emocionam intensamente", comparando-a ao Réquiem de Mozart e à Odisseia de Homero. Essa, aliás, é uma pista do tom geral da obra. Rovelli fala de física com paixão, usando para apresentá-la conceitos que o leigo está mais acostumado a ver nos tratados de estética, como beleza e emoção.

Sete Breves Lições de Física também faz um resumo da física quântica, das teorias sobre a arquitetura geral do universo, do que se sabe e se pesquisa em campos como física de partículas e o estudo dos buracos negros. Para ele, ali residem grandes mistérios a

serem decifrados, alguns deles com potencial para talvez unificar teorias divergentes sobre como o Cosmos se estrutura.

25/03/2017 | Zero Hora | Donna ZH | 15

Elas nos representam

Marli, Babi e Patrícia. A primeira se fez líder comunitária e ajudou a mudar a realidade da Vila Pinto, especialmente para as mulheres. A segunda enfrentou o medo que muitas sentimos de andar sozinhas nas ruas nos convidando a buscar apoio e proteção umas nas outras. A terceira foi longe em uma carreira predominantemente masculina e incentiva outras mulheres a superar os desafios na vida profissional.

Por essas e muitas outras razões, elas são as vencedoras do Prêmio Donna Mulheres que Inspiram. Com idades, profissões e trajetórias tão distintas, têm em comum o desejo de fazer diferença e transformar o mundo ao redor em um espaço com mais oportunidades e liberdade para todas.

Conheça as suas histórias e inspire-se!

Sororidade para todas as idades

À frente do Movimento Vamos Juntas? , Babi Souza fez com que muitas meninas e mulheres se descobrissem feministas. Antes que a visita estranhe, Babi Souza se adianta e anuncia:

– Sim, eu tenho um galo e uma galinha.

Além do casal de aves, Babi, 26 anos, divide a casa na Cavallhada, zona sul de Porto Alegre, com o namorado, o professor de tai chi chuan Rodrigo Leitão, quatro cachorros e dois gatos. Nenhum deles foi adotado filhote. Todos foram parar ali diante da convicção de que ninguém mais os adotaria, seja por tamanho, idade ou condições de saúde, seja pelas circunstâncias inusitadas mesmo. O galo, por exemplo, é sobrevivente de um despacho perto dali. De crista em riste e peito arfado, o posudo Almir ultrapassa com facilidade a cintura da dona. Já a adoção da galinha foi ideia recente do namorado, para fazer companhia ao macho solitário. Não deu muito certo. Literalmente a duras penas, descobriram que o “apetite” de cada galo demanda a companhia de pelo menos seis galinhas. Sobrecarregada, a galinha saiu machucada pelos garrões do parceiro. Atualmente, os dois convivem divididos por um cercado.

– Pobrezinha, estamos tratando ela com uma pomada. Eu brinco: “Poxa, Almir, tua mãe é feminista e tu me sai um macho opressor desses?”.

É uma piada, mas é também um exemplo da leveza com que Babi aborda o feminismo, palavra que está na base (mas não na vitrine, conforme se verá a seguir) do movimento que hoje alcança o Brasil inteiro por meio da página de Facebook Vamos Juntas? e por uma série de outras alternativas que surgiram a partir de uma ideia simples em uma sexta-feira invernal de 2015.

À época trabalhando em uma agência de publicidade, a jornalista abdicava de mais uma noite de vida social em razão dos dois ônibus que precisava pegar até a Zona Sul, um trajeto progressivamente mais perigoso conforme o avançar das horas. A ideia veio no Centro, ao observar que boa parte das passageiras que havia descido do primeiro ônibus embarcava no seguinte. Ainda assim, todas haviam se aventurado solitárias e amedrontadas pela praça que separava um ponto do outro. Que tal se uma acompanhasse a outra? Se mulheres andassem na rua oferecendo companhia e dando mais segurança umas às outras? Ao chegar no trabalho no dia seguinte, Babi postou em seu Facebook algo que era apenas uma provocação, mas se tornaria uma prévia de algo que nem ela sabia bem ainda: “Já andou sozinha pela rua e se sentiu em situação de risco? A menina que está do seu lado também. #MovimentoVamosJuntas”.

As mais de 300 curtidas com apenas uma frase e a curiosidade causada por ela motivaram a jornalista a começar uma página de Facebook imediatamente. Em 24 horas, 5 mil pessoas curtiram a página e passaram a compartilhar os cards difundindo a ideia. Em

48 horas, eram 10 mil. Em seis dias, 50 mil. Em duas semanas e meia, a página atingiu as 100 mil curtidas, e, ao longo desse tempo, passou a difundir aquele que até hoje é o seu principal conteúdo no dia a dia: depoimentos e mais depoimentos. Hoje com 451 mil curtidas, exibe diariamente relatos que geram, para usar uma expressão popular entre as mulheres do grupo, um “quentinho no peito”. Há episódios de mulheres acompanhando outras na rua, livrando uma desconhecida de uma situação de assédio ou simplesmente desabafando sobre episódios íntimos traumáticos, a fim de que as demais se manifestem em solidariedade.

– A página recebe cerca de 80 mensagens assim por dia. Pode parecer bobo mandar uma mensagem só para contar a sua história. Mas imagina ser alguém que nunca falou sobre um trauma e, de repente, se abrir e receber o carinho de centenas de outras? Só a internet proporciona uma coisa dessas.

Babi exemplifica contando o caso de uma leitora que havia sido estuprada anos atrás e que a procurou para falar sobre o episódio pela primeira vez. Tocada pelo relato, sem dar a identidade da pessoa ou maiores detalhes da história, Babi mobilizou as demais curtidoras a mandar manifestações de solidariedade. Centenas de curtidas e comentários depois, a leitora voltou a procurá-la: “Sabe o que mais me surpreendeu, Babi? É que nenhuma das centenas de mensagens perguntava que roupa eu estava vestindo naquele dia”.

É um bom exemplo do que passou a ser a missão principal da página: estimular uma mobilização cada vez maior pela sororidade, por uma grande irmandade entre mulheres. Com algumas particularidades quase involuntárias.

– Não sei explicar exatamente o porquê, talvez pela linguagem didática, talvez pelas cores, o Vamos Juntas? atrai mulheres bem jovens. Jovens mesmo, tipo, 12, 13 anos. E de todo o Brasil. Porto Alegre é apenas a quarta colocada entre as cidades que mais curtem a página. Aí eu sinto uma responsabilidade enorme, porque sirvo como porta de entrada para o feminismo a muitas meninas. Só que essa palavra infelizmente ainda repele algumas, por elas vincularem o termo a uma postura mais agressiva. Que eu acho ótima, diga-se, só não é a minha abordagem. Minha missão é mostrar, meio que por osmose, que elas já são feministas, só não chamam por esse nome – conta.

Cerca de um mês depois do lançamento da página, Babi deixou o emprego a fim de se dedicar ao movimento e à Bertha Comunicação, uma agência de comunicação digital que atende a empresas comandadas por mulheres. Prestes a completar dois anos, o Vamos Juntas? já lançou um livro pelo selo adolescente da editora Record, o Galera Record, e difunde iniciativas que fazem do nome do movimento uma grande metáfora. Como no Carnaval passado, em que um ensaio online ensinava foliões a distinguir o que é uma abordagem normal e o que é assédio. No dia 14 passado, Babi esteve em São Paulo palestrando para um grupo de taxistas de um aplicativo para um bate-papo pra lá de necessário sobre posturas que incomodam a clientela feminina. A jornalista também passou a ser figura recorrente na TV. Somente ao Encontro com Fátima Bernardes, Babi compareceu três vezes. Foi, inclusive, convidada diretamente pela apresentadora a participar da vinheta de fim de ano em que globais dividiam espaço com pessoas que eles julgavam importantes para o mundo.

– Atendi a Fátima por telefone achando que era uma gravação, tipo o Moacyr Franco, sabe? Era ela em pessoa (risos). Minha família brinca que, quando eu era criança, eles tinham que me mandar calar a boca. Hoje, pagam para me ouvir – diverte-se.

Promotora da cidadania

A líder comunitária Marli Medeiros não aceita “não” como resposta: há mais de 20 anos, ela busca oportunidades para mulheres e crianças da Vila Pinto e muda a vida da comunidade para melhor

Não é tarefa fácil localizar Marli Medeiros, 66 anos. O sinal de celular na Vila Pinto, zona leste de Porto Alegre, está longe de ser uma maravilha. Via telefone fixo, então, pior ainda. Marli quase nunca está sentada no escritório. Quando finalmente a entrevista é marcada, a reportagem de Donna a encontra pela primeira vez nos fundos da Escola de Educação Infantil Vovó Belinha olhando inconformada para um tanque recém-instalado.

Enquanto 120 pitocos de diferentes idades fazem a sesta pós-almoço nas salas, Marli busca explicações para a diferença de formato entre as lajetas, que, na opinião dela, dão cara de improvisado à obra.

– Eu vou te contar, viu? Se a gente não acompanha tudo de perto, sai um serviço desses.

Inaugurada em 2008, a escola Vovó Belinha, conveniada à prefeitura, é a conquista mais recente do Centro de Educação Ambiental

da Vila Pinto. Antes dela, vieram o Centro Cultural James Kulisz, de 2002, e o Centro de Triagem da Vila Pinto, de 1996. Este ajuda a contar melhor a história de Marli.

Natural do Alegrete, ela trocou um emprego como bancária no município por um de zeladora ao lado do marido, em um prédio no Bom Fim, em 1975. A mudança, aos 24 anos e então com três filhos (hoje são cinco), era parte de um plano mais ambicioso para trazer toda a família da região da Campanha para a Capital. Projeto que teve início, de fato, quando soube de um programa de habitação popular na Vila Pinto, na década de 1980.

– Enquanto construía, as mulheres me diziam: “Isso aqui é uma desgraça, não tem água, não tem rua, só tem bandido”. Eu só via que tinha chegado do Centro à vila em 25 minutos. Uma oportunidade espetacular. Se não me desse conta dela, outra pessoa se daria em seguida – relata.

Para Marli, era como se as pessoas daquela comunidade encarassem o lugar como um exílio social, uma punição por terem dado errado na vida. A única vocação da região, à época, era ser rota de fuga de assaltos, dada esta proximidade com as regiões mais badaladas da cidade.

– Eu dizia: “Bem, se vocês merecem morar mal, os filhos de vocês não merecem” – conta Marli, que se tornaria quase instintivamente uma líder comunitária.

Uma de suas primeiras iniciativas na comunidade foi fundar, no início da década de 1990, o Clube das Mulheres, que logo teve de mudar de nome para evitar confusões com a casa de striptease da novela De Corpo e Alma, sucesso da Globo entre 1992 e 1993. Por anos, Marli comandava reuniões semanais entre mulheres que eram fiscalizadas de perto por traficantes. A estratégia para afastá-los era curiosa:

– A gente falava só de menstruação, de “placenta colada” e coisas do tipo até que um homem convidava o outro para fumar um cigarro e não voltavam mais. Aí, sim, a gente descobria quem havia expulsado quem de casa, quem havia sido espancada pelo marido, o filho de quem estava se envolvendo com bandido...

Entre a década de 1980 e 1990, Marli desenvolveu um faro até hoje aguçado para oportunidades de investimentos na região, seja do poder público, da iniciativa privada ou mesmo de parcerias com entidades internacionais. Duas ferramentas ajudaram a impulsionar esse talento. Em primeiro lugar, o Orçamento Participativo. Marli foi umas das primeiras líderes comunitárias a circular com desenvoltura pelo sistema de participação popular na destinação das verbas municipais. Comparecia às reuniões com um pequeno exército de mulheres para votar pelas obras. A articulação era tanta que por vezes negociava com líderes de outras regiões a não participação em determinada rodada de recursos, para dar chance a outras comunidades.

A segunda ferramenta foi um curso de oito meses ministrado, em 1993, pela ONG Themis, que promove assessoria jurídica e estudos de gênero. Marli se tornou então uma “promotora legal popular”, cargo criado por diferentes ONGs da América Latina para multiplicar em comunidades carentes o conhecimento de seus direitos. O título também serviu como espantinho para a criminalidade que rondava (e ainda ronda) a vizinhança.

– Mande fazer uma faixa e coloquei na minha própria casa: “Parabéns, Marli: promotora legal popular.” Sabendo que bandido se pela de medo mais da palavra “promotor” do que “juiz”.

Desde então, Marli cultiva o hábito de circular com a Constituição na bolsa, pronta para alçá-la em frente a quem viola algum dos seus direitos. Já o fez, por exemplo, em uma reunião em que foi confundida por um funcionário público com a copeira do lugar.

A ideia do centro de triagem surgiu em 1995, quando a promotora embarcou em um ônibus com 30 grandes pensadoras do Brasil para um encontro na Argentina. No caminho de volta, o grupo resolveu, digamos, pregar uma peça social no então prefeito Tarso Genro. Pronto para receber as mulheres apenas para uma cerimônia de homenagens e tapinhas nas costas, o prefeito recebeu no colo o projeto de uma usina de reciclagem, cuja implementação seria fiscalizada de perto por uma obstinada Marli até o final daquele ano. Não teve alternativas senão assinar embaixo.

– No dia seguinte, o Tarso me ligou: “Marli, vai levar lixo pra dentro de uma comunidade que já se enxerga como lixo?”.

O centro cultural, bem como uma bela quadra poliesportiva coberta ao lado, foram conquistados com o mesmo misto de obstinação, senso de oportunidade e cara de pau. A estratégia é sempre semelhante: dar início à obra e depois pegar no pé dos financiadores exigindo tudo do bom e do melhor até o final. Na primeira obra, por exemplo, Marli convenceu um grupo de empresários locais de que precisava de um “McPinto”, para que as crianças pudessem fazer lanches e se divertir sem sair da comunidade. Hoje, o prédio de dois andares está equipado com uma pequena sala de cinema, biblioteca e lanchonete capaz de servir 200 refeições ao dia.

Já o Centro de Triagem da Vila Pinto processa hoje 130 toneladas de lixo para reciclagem ao mês e remunera por volta de 45 associadas. Já foram mais de 200, mas lixo hoje é um artigo de luxo em Porto Alegre. Além de outros galpões de reciclagem parceiros da prefeitura, existe ainda a concorrência de coletores piratas, que levam o lixo para revender na Região Metropolitana. Ainda assim, Marli se orgulha de ter cumprido as metas ambientais e sociais do projeto para 20 anos em menos de 10. Com um diferencial importantíssimo.

– É um trabalho sempre com foco na mulher. Homem aqui tem duas funções: carregar peso e obedecer – brinca.

As batalhas de Patrícia

A economista é referência em uma área onde se contam as mulheres de destaque nos dedos da mão. Mas esta é apenas uma de suas vitórias

Entre tantas cenas marcantes em um conturbado 2016, uma em especial marcou Patrícia Palermo, 37 anos, ao falar sobre representatividade. Por recomendação médica, ela realizava uma caminhada de fim de tarde no Parcão ao lado da filha, Vitória. A menina de seis anos tagarelava sem parar encantada com o que vira horas atrás, em uma visita escolar ao Museu de Ciências e Tecnologia da PUCRS. Ao passar por dois senhores, ouviram os comentários:

– Nossa, como fala, né?

– É, bem mulherzinha mesmo.

Frearam.

– Como assim “bem mulherzinha”? Se o senhor quer saber, é uma menina superinteligente falando sobre astrofísica!

Enquanto os dois gaguejavam atônitos, mãe e filha retomavam o passo.

– Por que ele disse isso, mãe?

– Porque ele é um idiota! – respondeu Patrícia, alto o suficiente para ser ouvida.

É possível que os dois não fizessem ideia do que tanto ofendera a mãe da Vitória. Talvez entendessem melhor se soubessem que Patrícia, hoje a primeira economista-chefe mulher da Fecomércio, é da primeira geração da sua família a cursar faculdade. E que os pais tinham orgulho da menina interessada em matemática. Se não passasse no vestibular da UFRGS, eles projetavam que ela poderia ter um bom emprego no lugar em que enxergavam garotas boas em contas: um caixa de supermercado.

– Nada contra, claro. Mas me dava uma dorzinha, sabe? Ouvia eles falarem aquilo e pensava, puxa, mas eu queria tanto fazer uma faculdade.

Patrícia entrou na UFRGS cedo o suficiente para trocar a Farmácia Bioquímica pelas Ciências Econômicas – decisão tomada de supetão no trajeto de ônibus ao campus do Vale –, formar-se, fazer mestrado e doutorado antes dos 30 anos. Nesse meio-tempo, casou-se, teve uma filha e acostumou-se a ver pouquíssimas mulheres ao seu lado e menos ainda como referências de sucesso na sua profissão. Pensando alto sobre o tema, arrisca um palpite sobre o que afasta da economia meninas como ela, genuinamente interessada por matemática quando criança:

– Acho que chega uma idade, ali pelos 13, 14 anos, em que os adolescentes começam a observar quem eles consideram homens e mulheres bem-sucedidos. Aí, quem a menina enxerga como referencial de sucesso? A atriz de novela, a modelo. O sucesso feminino

é mais ligado à beleza e à forma física do que ao que as mulheres fazem ou pensam. E elas passam a investir nisso.

Embora hoje observe mais e mais mulheres tomando conta das salas de aula da ESPM, da Faculdade São Francisco de Assis e da pós-graduação da UniRitter, onde leciona, Patrícia faz questão de aceitar todos os convites possíveis para palestras sobre carreira.

– Justamente para dar exemplo. Porque visibilidade é o que existe de mais importante. Outra coisa que me incomoda é a diferença de enfoque entre os eventos para homens e mulheres. Se é para mulheres, é beleza, saúde, família... Homem é carreira, finanças. Agora, pergunta quantos eventos existem para homens aprenderem a ser pais? – exemplifica.

Ser uma mulher diante de uma classe de futuros e futuras economistas é uma bandeira por si só. Outra é ser uma professora e economista que se faça entender.

– Parece uma obviedade né? Mas isso é quase disruptivo em economia. Lembro de muitas vezes assistir ao Jornal Nacional e não compreender metade. E eu era uma guria esperta, estudada. Imagina o resto? Uma das minhas grandes motivações na carreira é lutar pelo direito das pessoas de entender o mundo em que elas vivem.

Esse lado didático de Patrícia surge ao analisar o cenário de crise econômica do Brasil, cujo marco inicial ela enxerga em meados de 2014. No entendimento da economista, quando a manutenção do crescimento econômico já se mostrava inviável, o governo tentou prolongá-lo com ajustes que se assemelham a manobras em um cubo mágico: ao tentar ajeitar de um lado, bagunça os demais. Assim, acredita Patrícia, terminou por vezes premiando a ineficiência e comprometendo setores que vinham agindo corretamente. Embora veja com bons olhos as últimas medidas de ajuste, a economista se preocupa com a possibilidade de que esse cenário se estenda até as próximas eleições presidenciais, em 2018. Segunda ela, o caos deixa os brasileiros mais suscetíveis a um discurso milagroso e irresponsável.

– E aí tu me permites fazer uma analogia. Tu não imaginas, ao longo do meu tratamento de câncer, a quantidade de pessoas que vieram me falar sobre “alternativas” – conta, gesticulando as aspas com os dedos. – Desesperadas ou fragilizadas, as pessoas querem acreditar em milagres.

Patrícia descobriu o câncer de mama em 14 de dezembro de 2015. Procurou o médico no primeiro dia de férias para tratar uma inflamação no bico do seio que a incomodava havia quase um ano. O diagnóstico inicial de um aparente eczema de pouca gravidade, aliado à falta de tempo, fez com ela demorasse a buscar tratamento. A inflamação era, na verdade, a Doença de Paget, uma manifestação presente em não mais do que 5% dos casos de câncer de mama, e que terminou salvando a vida de Patrícia. Não fosse esse sintoma, ela provavelmente não descobriria dois tumores HER2 em estágio avançado no interior da mama. Em questão de dias, estava na mesa de cirurgia e agendando as sessões de rádio e quimioterapia entremeadas às aulas.

– Perdi cabelo, perdi cílios, sobrancelha. Hoje eu sou só de um lado, o que acho muito engraçado (risos). Mas fiz questão de não me afastar do trabalho. Mesmo que às vezes tivesse de dar aula sentada. Eu disse pra mim mesma que esse negócio não ia me derrubar – conta.

Não derrubou mesmo. Patrícia encerrou o ano não só cumprindo suas tarefas, mas eleita a economista do ano pelo Conselho Regional de Economia do Rio Grande do Sul, prêmio que ela recebeu já com os primeiros fios do novo cabelo à mostra. O formato das novas madeixas _ “ainda crespos, mas sem frizz” – era uma das curiosidades de Patrícia em relação ao corpo depois do sucesso do tratamento. Outro era como a filha reagiria ao ver o seu corpo nu depois da doença. A resposta veio espontaneamente, em um dia em que as duas tomavam banhos juntas:

– Mãe, eu amo as tuas cicatrizes. Porque elas mostram que tu é uma guerreira que sobreviveu a muitas batalhas.

Patrícia demorou para recobrar a voz embargada debaixo do chuveiro:

– Vitória, essas coisas que tu dizes, só pode ser Deus que te inspira.

– Não, mãe, eu tiro da minha cabeça mesmo.

Aposentadoria e expectativa de vida, por Ely José de Mattos

No debate sobre a reforma da Previdência, recentemente entrou na roda a chamada “tábua completa de mortalidade”. Sucintamente, trata-se de uma tabela, estimada pelo IBGE, que aponta a expectativa de vida a partir de cada idade. Aquilo que conhecemos como “expectativa de vida ao nascer” é o quanto se espera que uma criança recém-nascida viva. Da mesma forma, para cada ano adicional vivido, existe uma expectativa de vida futura associada.

No Brasil, a expectativa de vida ao nascer está na faixa dos 74 anos. Para quem tem 23 anos, a expectativa já é de 77, por exemplo. Alguém com 65 anos, hoje, não espera viver apenas mais nove anos: sua expectativa é de mais 18 anos, chegando aos 83. No final das contas, o que se alega é que esse é o número que importa para a análise da reforma previdenciária. Ao se aposentar com 65 anos, depois de contribuir por 42, ainda há a expectativa de gozar do benefício por 18 anos.

Porém, é preciso ir além. A tábua de mortalidade não é estimada, oficialmente, para diferentes classes sociais, faixas de renda ou tipos de atividade laboral – é estatisticamente complexo fazer isso. Mas, alguns estudos apontam que diferentes tipos de atividade ou classe social implicam diferentes expectativas de vida. Por exemplo, um estudo aplicado à Finlândia, realizado pelo Centro Finlandês para Pensões, demonstrou que trabalhadores manuais tendem a apresentar menor expectativa de vida e menor tempo de aproveitar a aposentadoria do que aqueles que exercem atividades não-manuais.

Não encontrei nenhum estudo aplicado ao Brasil que tenha demonstrado, na ponta do lápis, a expectativa de vida por faixa de renda ou atividade laboral. No entanto, é difícil negar o óbvio: os mais pobres têm muito menos acesso a importantes fatores que prolongam a expectativa de vida, como medicina preventiva e infraestrutura – sem mencionar que parece razoável considerar que diferentes atividades, pela insalubridade à qual os trabalhadores são submetidos, encurtam a expectativa de vida. Vale lembrar, ainda, os diferentes níveis de exposição à violência.

Em suma, a conta da expectativa de vida é, por si só, mais complexa do que aparenta. Ela não é argumento definitivo. Além disso, sempre vamos precisar de contexto social neste debate, mantendo em mente que previdência é também parte de um sistema de proteção social do Brasil.

Ely José de Mattos escreve aos finais de semana, a cada 15 dias. Segunda-feira, Daniel R. Randon.

*Economista. Professor da Escola de Negócios da PUCRS

Os donos da rua

ESPÉCIE DE REACÇÃO COLETIVA À INSEGURANÇA, a ocupação de espaços públicos pela população nos últimos cinco anos contraria boa parte da história recente da Capital, período no qual moradores fechavam-se em condomínios e shoppings

Durante boa parte de sua história recente, Porto Alegre ergueu muros e grades, condomínios fechados e shopping centers. A cidade comemora seus 245 anos, celebrados neste domingo, embalada por um fenômeno inverso: proliferam eventos que estimulam a ocupação de espaços públicos como ruas, parques e praças. A tendência é interpretada por urbanistas como uma reação coletiva à sensação de insegurança e uma tentativa de recuperar o convívio social sem os limites impostos por concreto ou metal.

Nos últimos cinco anos, multiplicam-se briques, feiras, brechós, food parks e outras iniciativas de comunhão urbana a céu aberto. E o avanço segue em ritmo tão frenético quanto o dos blocos de Carnaval que tomam a Cidade Baixa: levantamento realizado pela Empresa Pública de Transporte e Circulação (EPTC) a pedido de ZH revela que o número de licenças concedidas a atividades em ruas e avenidas saltou 21% entre 2015 e o ano passado, chegando a 1.808 permissões ao longo de 2016. Em áreas verdes, segundo a Secretaria de Meio Ambiente e Sustentabilidade, no mesmo período as atrações passaram de 792 para 850.

– Há uma reapropriação do espaço público – resume o arquiteto Marcelo Arioli Heck, mestre em planejamento urbano e regional pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), autor da dissertação Espaço Público e Manifestações Urbanas.

Em seu estudo, Heck observou dois padrões fundamentais de ocupações que fervilham nas vias porto-alegrenses: manifestações com caráter político mais explícito, como as jornadas de junho de 2013 ou os protestos contra aumentos de passagens, e aquelas mais voltadas à promoção cultural e ao lazer, a exemplo de briques, apresentações artísticas e feiras gastronômicas.

Para o especialista, o fenômeno visto atualmente na Capital é resultado de uma combinação de três elementos: a difusão de um conceito do novo urbanismo de que as cidades devem ser pensadas para as pessoas, a proliferação de organizações como coletivos urbanos que articulam eventos públicos e a facilidade de organização trazida pelas redes sociais. Heck contabilizou pelo menos 120 grandes eventos disseminados via Facebook entre 2010, quando houve duas convocações, e 2014, quando chegaram a 40.

Para a arquiteta e urbanista Ana Cé, diretora da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), a retomada do interesse por áreas públicas marca uma nova etapa da relação entre os moradores e a Capital após anos de predomínio da chamada “geração shopping center”. Agora, haveria maior equilíbrio entre a busca por convívio, lazer e comércio em locais fechados, privados, e os espaços sem portas ou grades:

– As pessoas estão se dando conta de que há alternativas a morar em condomínio e passar o final de semana no shopping – diz a urbanista. – Os centros comerciais são parte importante da dinâmica econômica, mas a rua é essencial para a vitalidade urbana.

REDESCOBERTA DA VIDA EXTRAMUROS É UMA FORMA DE RESISTIR À VIOLÊNCIA

Além dos protestos e dos eventos culturais, o comércio de rua também ganhou fôlego novo na velha cidade. Briques, brechós e eventos com comida de rua viraram febre. Como resultado, a prefeitura já planeja criar um escritório voltado à gestão de eventos públicos, dentro da Secretaria de Desenvolvimento Econômico.

– Hoje, se uma atividade tem reflexo no trânsito, envolve a EPTC. Se ocorre em praça ou parque, precisa de licença da Secretaria do Meio Ambiente. Se tem comércio, é conosco. A ideia é ter um escritório que facilite essa coordenação – explica o titular da Secretaria de Desenvolvimento Econômico, Ricardo Gomes.

Pode parecer contraditório que a redescoberta da vida extramuros ocorra durante um período de elevada sensação de insegurança, mas, para especialistas, a multiplicação de eventos coletivos também é uma maneira de resistir ao cerco cada vez mais fechado imposto pela violência urbana.

– O cercamento que vem ocorrendo nos últimos 20 anos não contribuiu para a reversão da insegurança. Quanto mais as pessoas se escondem, mais grave fica a violência. Quanto mais vazias ficam as ruas, menor é o controle social do espaço público, e inúmeros estudos já demonstraram que esse é um fator de segurança – analisa Ana Cé. – Onde há mais pessoas, mais portas, mais janelas, o que se chama de “os olhos das ruas”, há mais segurança. Não é o único fator, mas é um fator importante.

Churrasqueiras invadem praças e parques

A ocupação dos espaços públicos de Porto Alegre não depende exclusivamente de eventos pré-programados ou de grande porte. Iniciativas espontâneas de pequenos grupos de amigos ou familiares também contribuem para a corrida a parques, praças e vias da cidade.

A multiplicação de churrasqueiras até em canteiros de avenidas é mais um exemplo da busca por convívio ao ar livre. A agente de viagens Daniele Ractz, 35 anos, começou a reunir amigos e colegas na praça diante de sua casa depois de testemunhar o aumento no número de vizinhos que adotaram essa prática.

– Senti a necessidade de juntar os amigos. Como meu apartamento é pequeno e vi outras pessoas fazendo piquenique e churrasco na praça, resolvi fazer também. Já fizemos dois, e pretendo fazer outros – conta Daniele.

A agente de viagens conta que, há alguns meses, a praça Brigadeiro Sampaio, próximo ao Gasômetro, no Centro, não se mostrava convidativa. Desde então, o aumento no número de pessoas nos arredores estimulou Daniele a reunir amigos, inclusive à noite.

– Me senti mais segura porque havia mais pessoas fazendo churrasco também. Não estávamos sozinhos – afirma a moradora,

nascida e criada na Capital.

Cada convidado se encarrega de levar alguns itens para o churrasco, como cadeiras e outros apetrechos. Além dos minieventos que ela mesma organiza, Daniele também participa das iniciativas que combinam venda de roupas e comida de rua.

– A gente percebe que tem um interesse muito maior por esse tipo de atividade, assim como pelo Carnaval de rua, que cresce a cada ano. É muito legal, porque a gente sempre encontra alguém conhecido, e tudo isso sem custo.

Zona Sul conta com brique colaborativo

Porto Alegre é conhecida pelo Brique da Redenção, tradicionalmente realizado na Avenida José Bonifácio e que completa 39 anos neste fim de semana, mas a verdade é que há outros briques pedindo espaço pela cidade. Um deles, lançado há pouco mais de um ano, toma ruas do bairro Ipanema e estimula a aproximação entre a população e o Guaíba. Localizado nas imediações da esquina da Avenida Guaíba com a Rua Laranjeiras, na Zona Sul, o Brique de Ipanema reúne dezenas de expositores em bancas de artesanato.

Coordenadora do novo brique, Márcia Morales, 45 anos, afirma que inicialmente cultivava a ideia de que a feira fosse itinerante – ocupando um lugar diferente a cada edição. Acabou prevalecendo a ideia de deitar raízes na avenida localizada diante do Guaíba.

Inicialmente, seria realizado em um domingo por mês, mas os participantes sugeriram duas edições mensais. Embora conte com uma coordenadora, o brique é organizado de forma colaborativa. As reuniões periódicas ocorrem na garagem da casa de Márcia, e cada participante leva uma cadeira e um lanche a ser compartilhado.

A relação com a vizinhança também tem sido de cooperação.

– Há um lar de idosos bem em frente, e alguns deles chegaram a confeccionar trabalhos de artesanato para expor. Uma outra vizinha nos cede uma conexão de energia elétrica – diz Márcia.

“Fechar as fachadas produz insegurança”

BENAMY TURKIENICZ

Arquiteto e urbanista

Arquiteto, urbanista e professor da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Benamy Turkienicz avalia que a Capital experimenta, atualmente, uma tentativa de recuperar espaços públicos perdidos nos últimos anos para a sensação de insegurança. Confira, abaixo, trechos da entrevista a ZH.

O que explica o crescente interesse por eventos realizados em áreas públicas em Porto Alegre?

Isso tem nome, se chama urbanismo tático. É um termo um pouco técnico, mas serve para mostrar que existem, hoje, áreas urbanas pouco ocupadas de dois tipos: áreas agradáveis, mas que acabam não sendo utilizadas, e outras não tão agradáveis, mas que têm características que, se as pessoas se dessem conta delas, poderiam ser bem utilizadas.

No primeiro caso, temos locais como o Parque Moinhos de Vento e outros parques e praças, que as pessoas têm medo de frequentar em razão da insegurança. São lugares de ocupação dispersa, com locais onde pessoas podem se esconder, então podem ser percebidos como locais inseguros.

E há outras áreas que as pessoas não ocupam, como o 4º Distrito, cuja população foi saindo ao longo dos anos, mas há ruas bonitas como a Polônia, a Paraíba. A recuperação dessa área é fundamental para Porto Alegre. Por isso, precisamos desse ativismo social, do urbanismo tático.

De que forma isso ocorre?

Promovendo eventos nesses locais, atraindo pessoas para usar espaços mostrando o potencial que eles têm, uma vez resolvidas

questões de infraestrutura e até de conservação de prédios. Ações como essas são comuns em cidades do mundo inteiro. Em alguns lugares, fazem testes de ocupação, com grupos de pessoas, para promover o aperfeiçoamento de determinados espaços urbanos. São ocupações temporárias. Em Nova York, recentemente, levaram cadeiras de praia para as ruas, viram que as pessoas gostaram. Na hora do almoço, saíam dos seus escritórios e faziam lanches ali. A prefeitura, então, resolveu consagrar alguns desses espaços como definitivos.

No caso específico de Porto Alegre, qual a relação desse fenômeno com a atual crise de segurança?

Há uma reação saudável, coletiva, à sensação de insegurança. Se a população não reagir, fica refém desse clima. Isso mostra que a população de Porto Alegre e de outras cidades que tiveram o mesmo tipo de reação não se conforma em ficar refém de um estado de insegurança e acredita que, juntos, podemos nos proteger.

Quais os impactos práticos que essas iniciativas podem ter sobre a cidade?

Isso tem a capacidade de chamar a atenção das pessoas de que o uso comum do espaço público é importante para a segurança. Vai chamar atenção para a impropriedade de construir algo sem que haja uma relação constante entre o público e o privado. Fechar as fachadas produz insegurança. Boas calçadas, com fachadas ativas e iluminação, favorecem essa utilização mais intensa. Ruas mal iluminadas, mal pavimentadas e com muros geram insegurança.

O que são fachadas ativas?

Quando há sempre gente entrando e saindo de algum lugar. Hoje, a legislação urbanística é pouco específica em relação à necessidade de relação permanente entre o espaço público e o privado. Isso gera a possibilidade de termos muros grandes como os dos condomínios. Se tu estás na rua e tem condomínios dos dois lados, não vai ter gente entrando e saindo. Essa é uma grande preocupação hoje, e muitos técnicos preconizam a necessidade das fachadas ativas. Isso favorece a circulação de pessoas na rua e aumenta o controle social sobre o espaço público.

Mobilização urbana vira atividade profissional

A procura por atividades ao ar livre se tornou tão frequente na Capital que a organização desse tipo de iniciativa vem se firmando como nova profissão na cidade. Susana Jung, 26 anos, define-se como mobilizadora urbana. A microempreendedora individual criou o Tô Na Rua, empreendimento dedicado a criar e a coordenar eventos – como o nome indica – em espaços públicos. Desde que começou a se dedicar a essa tarefa, ela já soma mais de 80 ações desenvolvidas na Capital.

Além de realizar atrações que levam sua marca própria, Susana é contratada para coordenar projetos de terceiros. Ela foi responsável, por exemplo, por organizar a festa de Saint Patrick's na Rua Padre Chagas neste ano. Filha de uruguaia, ela sempre teve o hábito de comer pancho nas praças do país vizinho. Por isso, queria que esse tipo de lazer também estivesse disponível em Porto Alegre. Começou a colocar a ideia em prática há cerca de quatro anos, promovendo atrações como o Orla Vive, que levava bazar, música e piquenique para a beira do Guaíba. Depois, participou de brechós, briques e feiras de comida de rua:

– Há um movimento de empreendedores para conquistar o espaço público, mas de maneira lícita, seguindo todas as normas.

A explosão da comida de rua

Há quatro anos, um jovem cozinheiro voltava de São Paulo para Porto Alegre buscando uma chance para mostrar serviço. Sem oportunidades, decidiu montar uma barraca de comida na festa de Saint Patrick's da Rua Joaquim Nabuco. Ao final do dia, venderia 50 porções de panqueca de batata e carne de panela com molho Guinness. No fim do mesmo ano, quando descobriu o gosto da cidade pela gastronomia itinerante, passaria a vender 5 mil porções em um só evento.

– A gastronomia em Porto Alegre vivia um momento sem muito espaço para um jovem ou para a criatividade. Só se servia risoto e entrecot. Resolvi ir para a rua e, alguns meses depois, já estava organizando um evento com 20 chefs e dez cervejarias artesanais – conta o cozinheiro Rodrigo Paz, 28 anos, um dos pioneiros da comida de rua na Capital.

O apetite dos porto-alegrenses por pratos servidos ao ar livre mostrou-se voraz. Na primeira edição do projeto Comida de Rua, no Largo da Epatur, meia hora antes da abertura das barracas já havia cerca de 400 pessoas à espera. Em outra edição, na Praça da Alfândega, foram nada menos do que 15 mil pessoas. Hoje, Porto Alegre tem uma associação com 20 food trucks e uma legislação recém-aprovada para regular a oferta desse serviço.

Grandes eventos despertam controvérsia com moradores

A tomada das ruas pela população, muitas vezes em eventos que atraem dezenas de milhares de pessoas, desperta controvérsia entre organizadores e participantes, de um lado, e uma parcela dos moradores das localidades que recebem essas atividades – principalmente quando envolvem consumo de álcool ou grandes quantidades de lixo descartado.

A Associação dos Moradores e Amigos do Bairro Moinhos de Vento (Moinhos Vive) quer evitar que as festividades do Saint Patrick's Day (São Patrício, padroeiro da Irlanda), realizadas no último dia 17, na Rua Padre Chagas, repitam-se no local.

– É complicado promover eventos que reúnem milhares de pessoas em áreas eminentemente residenciais. Quando há ingestão de álcool, é difícil estabelecer limites. Tem gente que faz xixi na rua, que briga. Não é conservadorismo, mas é complicado bloquear ruas onde há muitos moradores, além de escritórios de profissionais liberais como médicos ou advogados – analisa o presidente do Moinhos Vive, Raul Agostini.

Para Agostini, é importante encontrar locais “mais adequados” para a realização de iniciativas a céu aberto. A mobilizadora urbana Susana Jung, 26 anos, contratada para a organização do Saint Patrick's neste ano, sustenta que sempre segue todas as exigências feitas pela prefeitura, como a contratação de segurança e a instalação de banheiros químicos. Para Suzana, a democracia prevê o uso dos espaços públicos apesar da eventual contrariedade de algumas pessoas – e sustenta que os eventos também acabam por educar os participantes:

– Procuramos utilizar as áreas públicas de forma consciente, estimulando que se jogue lixo no lixo, que se usem banheiros.

O secretário de Desenvolvimento Econômico da Capital, Ricardo Gomes, acredita que houve excessos em razão do elevado número de participantes, e afirma que isso será levado em conta no planejamento de eventos futuros na cidade.

A ideia que iluminou a cidade

Renata Pinto Beck é arquiteta, mas uma de suas criações mais conhecidas não tem paredes, teto ou janelas. Cansada da escuridão e do medo que cercavam o Parque da Redenção, pelo qual passava todas as noites ao voltar para casa, idealizou uma mobilização destinada ao mesmo tempo a estimular a presença de pessoas no local e chamar a atenção das autoridades para a necessidade de investimentos em segurança.

Nascia a Serenata Iluminada, que convidou a população a frequentar o parque à noite, à luz de velas, lampiões e celulares, em meio a apresentações artísticas e rodas de conversa. O sucesso foi tão grande que, apesar de Renata ter deixado a organização, a ação segue contando novas edições, inspirou eventos semelhantes e é considerada um marco na luta dos moradores pelo direito de aproveitar a cidade.

– Morei em Córdoba, na Argentina, onde tem um parque que ficava cheio de gente à noite. Me perguntava por que não podíamos ter isso em Porto Alegre também – conta Renata.

A arquiteta lançou a ideia no projeto PortoAlegre.cc (destinado a propor soluções para a cidade) e redigiu um convite na web. “Vamos iluminar o Parque Farroupilha fazendo muito barulho. Com isso, podemos chamar a atenção das autoridades para que, quem sabe, esta causa (a necessidade de melhor iluminação) seja atendida”. Centenas de pessoas fizeram o parque brilhar.

Morreu, em 15 de fevereiro, aos 68 anos, Maria Iracema Fiatte dos Reis. Ela foi vítima de um AVC no começo do mês passado e estava internada no Hospital Mãe de Deus, em Porto Alegre.

Formada em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), Iracema dedicou-se à criação dos filhos. Depois que cresceram, ela trabalhou com vendas de joias e obras de arte e, por alguns anos, atuou como assessora na ProcuradoriaGeral do Estado.

Natural de Porto Alegre, era filha de José Heron Araújo dos Reis e Jacyr Fiatte dos Reis (ambos falecidos). Foi casada, e era amiga até os dias atuais, com Enio Lucas Nonnemmacher, o Schullas, com quem teve os filhos Lucas e Christian. Casou-se novamente, em dezembro de 1998, com Flávio José Pontes dos Santos, o Zezé, 70 anos.

Ao longo da vida, Iracema morou sempre na capital gaúcha, onde fez grandes amigos. Quando jovem, estudou nos colégios Sévigné e Bom Conselho, passava verões em Capão da Canoa e Torres e frequentava o Porto Alegre Country Club.

Conforme a família, ela não perdia um chá ou carteados com as amigas e era apaixonada pelos netos Ana Sofia, Helena (da enteada Camila), Guilherme (do filho Lucas), Dora e Pedro (do enteado Guilherme).

O amigo Renato Rosa define a saudade que Maria Iracema deixa nos amigos e familiares:

– O certo é que esse adeus não existe. Foram tantos risos, sorrisos, gargalhadas, verdadeiras gaitadas. Muita ironia, agitação e divertimento. Ela era muitas vezes doce e em outras poucas tinha uma pontinha amarga, mas só para temperar de leve suas observações – conta Renato.

Maria Iracema era doadora de órgãos, e a família optou por realizar o procedimento. O enterro ocorreu no Cemitério São Miguel e Almas, na Capital.

25/03/2017 | Zero Hora | Contracapa | 64

Como manter a saúde dos 20 até depois dos 50 anos

VIDA

25/03/2017 | Zero Hora | Contracapa | 64

Babi, Marli e Patrícia: Donnas inspiradoras

Donna

Segmento: Outras Universidades

25/03/2017 | Diário de Santa Maria | Geral | 18

Cuidados para a Mulher

Um sábado destinado às mulheres. O Dia do Cuidado para a Mulher acontece das 8h às 16h, na Unidade Básica de Saúde Floriano Rocha, atendendo, principalmente, as mulheres que moram na Santa Marta e na Nova Santa Marta. A iniciativa contará com serviços de manicure, coleta de preventivo, exercícios físicos, massagens, confecção de cartão do Sistema Único de Saúde (SUS), testes rápidos, entre outros. As ações ocorrem durante todo o sábado, sendo oferecidas por meio de parceria com cursos da Unifra e da Ulbra. É tudo de graça.